

## IMPREVISIBILIDADE FAMILIAR E PERCEÇÃO DE SUPORTE SOCIAL: CONFRONTO ENTRE FAMÍLIAS EM INTERVENÇÃO PRECOCE E FAMÍLIAS DA COMUNIDADE

Teresa S. Machado, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, tmachado@fpce.uc.pt

Iolanda Correia, FPCE-Universidade de Coimbra, correia.i@hotmail.com

**Resumo:** A imprevisibilidade familiar tem sido associada ao funcionamento familiar desajustado e a problemas no comportamento e desenvolvimento das crianças, sendo um factor de risco para o funcionamento de todos os membros da família. Por outro lado, o suporte social tem apresentado relações positivas e protetoras na parentalidade, particularmente em famílias em risco. Confrontam-se, neste estudo, as relações entre percepção de imprevisibilidade familiar e suporte social em pais de famílias em intervenção precoce (N=60) e de famílias da comunidade (N=100), ambas com filhos entre os 2 e os 6 anos. Recorreu-se à *Escala de Imprevisibilidade Familiar* (Gaspar & Alarcão, 2003, versão portuguesa da *Family Unpredictability Scale –FUS*), e à *Escala de Avaliação do Apoio Social à Família* (Coutinho, 1999, versão portuguesa da *Family Support Scale – FSS*). Os resultados apontam para valores médios de percepção de imprevisibilidade familiar superiores nas famílias em IP; e maior valorização da utilidade do apoio social de fontes formais pelos cuidadores destas famílias. A percepção de imprevisibilidade diminui com a percepção de maior suporte social, e verifica-se um efeito do nível de escolaridade, em ambos os grupos (maior escolaridade associa-se a menor imprevisibilidade percebida). Os resultados sugerem orientações para intervenções a implementar em famílias em IP.

### Introdução

A imprevisibilidade familiar, enquanto falta de consistência dos padrões de comportamento e sistemas de regulação da família, tem sido associada ao funcionamento familiar, e individual, desajustado (Alarcão & Gaspar, 2007; Ross & Hill, 2000). Cabe aos cuidadores primários a responsabilidade pelo equilíbrio na dinâmica familiar e serão eles também os responsáveis pela instabilidade/imprevisibilidade familiar (Ross & Hill, 2000). A imprevisibilidade familiar tem sido associada a problemas de desenvolvimento e comportamento, com repercussões a longo prazo. A ausência de rotinas na família debilita a possibilidade das crianças criarem expectativas e/ou modelos de conduta, de resolução de problemas e de construção de perspectivas de futuro. Momentos de crise económica e social, como o contemporâneo, e/ou fragilidades nas competências parentais (por características inerentes aos cuidadores), ou características das crianças, podem propiciar situações crónicas

de instabilidade familiar. O apoio social recebido quer por fontes formais (e.g. serviços de Intervenção Precoce – IP) quer por fontes informais, poderá funcionar como amortecimento das condições que fragilizam os cuidadores e contribuem para o estabelecimento de instabilidade na família. Avaliamos, neste trabalho, a percepção de instabilidade familiar e do apoio social recebido (por fontes formais ou informais) em dois tipos de famílias (de comunidade e em IP), com crianças entre os 2 e os 6 anos. Pretende-se explorar a eventual presença de diferenças de percepções de imprevisibilidade familiar (total e nas suas dimensões) nestes dois tipos de famílias e na valorização que atribuem a diferentes fontes de suporte social.

Ross e Hill (2000) propuseram um instrumento para avaliar a percepção de imprevisibilidade familiar (*Family Unpredictability Scale – FUS*), com quatro fatores que podem traduzir a imprevisibilidade na família: inconsistência na disciplina, inconsistência no cuidar, ausência de rituais/horas de refeição e inconsistência nos recursos financeiros. A instabilidade, traduzida na imprevisibilidade familiar, repercute-se a curto e longo prazo no comportamento e desenvolvimento das crianças: a curto prazo, tem sido reportada, por exemplo, inversão de papéis familiares (assumindo a criança funções parentais, e estando esta inversão associada a sintomas depressivos e ambivalência relativamente ao papel de dependência) (Burnett, Jones, Bliwise & Ross, 2006); a longo prazo, influi em desequilíbrios internos que se traduzem no envolvimento em comportamentos anti-sociais, abuso de substâncias, distúrbios alimentares e depressão em universitários e consumo de álcool em adultos (Dekovic, Janssens, & Van As, 2003; Hill, Jenkins, & Farmer, 2008; Ross & Hill, 2001, 2002; Ross & Wyne, 2010). Os estudos sobre efeitos da imprevisibilidade familiar no desenvolvimento têm permitido análises mais finas na interpretação do papel de variáveis familiares, ou parentais, como o alcoolismo, depressão, ansiedade ou divórcio, sugerindo que é quando estas acarretam impossibilidade de manter rotinas e regras coesas (i.e. inviabilizam a

*previsibilidade*), que têm efeitos negativos no desenvolvimento e/ou comportamento dos filhos. Ou seja, poderíamos dizer que são os efeitos colaterais das variáveis dos cuidadores que, não facultando a manutenção de rotinas relacionais estáveis, inviabilizam, ou deturpam, a criação de expectativas previsíveis (sobre si mesmas, os cuidados que recebem e as respostas de outros) pelas crianças. Compreende-se que o conceito de imprevisibilidade familiar, de Ross e Hill, se baseie simultaneamente na teoria da vinculação, de Bowlby e na teoria do abandono aprendido, de Overmier e Lolordo (Ross & Hill, 2000; 2002).

A teoria da vinculação postula que são as respostas consistentes e rotinas relacionais diárias com uma figura que se torna progressivamente significativa que permitem à criança construir expectativas e significado dos seus comportamentos, dos outros e do mundo (Bowlby, 1982; Machado, 2007) – o que subjaz à construção de estratégias de vinculação adequadas à relação. De acordo com a teoria, o que é vivenciado (i.e. aprendido) no contexto das relações primárias dá forma a representações, traduzidas nos “modelos operantes internos”, que são reforçadas (se não refutadas), tornando-se guias “automáticos” para a leitura da realidade envolvente (Green & Goldwyn, 2002; Machado, 2009). Nesta linha de ideias, compreende-se a afirmação de Ross e Hill de que “o sentimento da imprevisibilidade, ou previsibilidade, ambiental é estabelecido numa idade precoce” (2000; p. 549).

O abandono aprendido tem sido definido como “dificuldade de aprendizagem apresentada por indivíduos que tiveram experiência prévia com estímulos incontroláveis” (Hunziker, 2005, p. 131). Primeiramente constatado por Overmier e Seligman, em experiências com cães expostos a estímulos aversivos (choques elétricos) incontroláveis, levou à observação (fortuita, no caso) de que se verificava uma debilitação de novas aprendizagens operantes nesses animais; tendo tal sido designado por “efeito de interferência”, substituído por “abandono aprendido” (*learned helplessness*) (Hunziker, 2005; Overmier, 2002). O fenómeno foi desde então verificado em diferentes espécies animais e em

humanos (Abramson, Seligman & Teasdale, 1978). Será o fator *incontrolabilidade* da situação aversiva o fator crítico na aprendizagem de que as respostas são ineficazes (Fontaine & Faria, 1989). O que é aprendido, e supostamente generalizado a condições futuras, é a ausência de relação entre R-S. Nos humanos, mais importante do que a ausência de contingência objectiva entre ação e resultado, é a percepção e experienciação que o sujeito faz dessa ausência de contingência (Fontaine & Faria, 1989, Abramson, Seligman & Teasdale, 1978); i.e., a expectativa desenvolvida de que não pode controlar o ambiente (seja porque acredita não dispor de competências para tal, seja porque o ambiente não corresponde às suas respostas (Bandura, 1977, in Abramson, Seligman & Teasdale, 1978). O sujeito desenvolve a crença de que nada pode fazer para alterar acontecimentos que ocorrem na sua vida, logo, acaba por ter respostas de desistência/abandono.

Fundamentando-se nestes dois modelos teóricos, Ross e Hill defendem que as crianças que crescem num ambiente caracterizado pela imprevisibilidade têm probabilidade de incorporar as suas experiências num sistema de crenças em que o mundo é basicamente tido como imprevisível (fora do seu controlo), assumindo o futuro pouca importância (pois não se prepara). Crenças estas que propiciam o envolvimento em comportamentos que se reforçam no imediato, mesmo que com custos a longo prazo (Hill et al., 2008; Ross & Hill, 2002). Esta tese tem vindo a ser reforçada com novos estudos que avaliam retrospectivamente (com a *Retrospective Family Unpredictability Scale* – Retro-FUS) a influência da percepção de ter vivido numa família pautada pela imprevisibilidade (Ross & McDuff, 2008; Ross & Wynne, 2010).

O efeito protetor do suporte social no equilíbrio dos sujeitos, particularmente na promoção da saúde – diminuindo a vulnerabilidade à doença física e psicológica – foi destacado, na década de 1970, por autores influentes como Caplan, Cassel, ou Cobb (1976), e incorporado nas diretrizes da OMS. Cobb (1976) define o suporte social como a informação

dirigida a três níveis: a) leva o sujeito a acreditar que será cuidado e amado, b) que será estimado e valorizado, c) que pertence a uma rede mais geral de obrigações mútuas. O suporte social implica a “existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (in Pais Ribeiro, 2011, p. 1); e incide em diversas dimensões: *relacionais* (e.g., marital, profissional, número de pessoas disponíveis), *estruturais* (e.g., quantificação das redes sociais de apoio disponíveis, sua estabilidade, consistência), *constitucionais* (e.g. análise da congruência entre necessidades e recursos), *funcionais* (e.g., fontes de suporte, tipo e qualidade de suporte) e de *satisfação* (análise da percepção da utilidade e ajuda prestada pelo suporte social) (Trivette, Dunst, & Hamby, 1996). A tese de Cobb foi confirmada em diferentes níveis e contextos, dando azo a programas de intervenção diversos, reforçando a ideia de que “(...) facilita o  *coping* na crise e adaptação à mudança” (1976, p.302). No campo da intervenção precoce na infância, a adopção das perspectivas ecológica, sistémica e transaccional, incentiva programas que visam o suporte social dado à família, seguindo as sugestões de Dunst e colaboradores (Dunst, Trivette & Deal, 1988), ao destacarem a importância em fortalecer o funcionamento familiar, provendo recursos direcionados às suas necessidades e capacitando os cuidadores para a parentalidade (Coutinho, 2004; Dunst et al., 1988). À luz da crise atual na Europa, a relevância do suporte social é ainda mais premente, podendo assumir formas mais criativas – como se tem observado em Portugal com iniciativas diversas de solidariedade social – pois que, paradoxalmente, são frequentes os cortes aos apoios formais de proteção à infância, em momentos de crise económica (Abrams & Portwood, 2010; Drummond, 2005). Nesta conjuntura, será importante contrariar a visão simplista de que a “função parental é natural e instintiva no ser humano”, e admitir que as intervenções direcionadas à parentalidade – em situações de fragilidades nos cuidadores e/ou nas condições sociais e económicas a eles associadas – visam favorecer as condições que ajudam os cuidadores a agir numa atitude

preventiva e promocional, centrada na construção de qualidades positivas, à luz do enfoque contemporâneo da Psicologia Positiva (Machado & Fonseca, 2009; Peterson, 2009; Ribeiro, 2003). No mesmo sentido vão as recomendações do Conselho da Europa, enquadradas no Direito da Família, ao reforçarem a ideia da responsabilidade parental na forma como garantem a proteção e condições de desenvolvimento das crianças (cf. Abreu-Lima, Alarcão, Almeida, et al., 2010). É nesta óptica, de analisar fragilidades percebidas pelas próprias famílias, nomeadamente aquelas que vivenciam situações de risco para o desenvolvimento das suas crianças, que surge este trabalho. Pretende-se descrever os níveis de imprevisibilidade familiar das famílias de crianças em IP; analisar as suas percepções da disponibilidade e utilidade do suporte social proveniente de redes sociais informais e formais; explorar as relações entre suporte social percebido e imprevisibilidade social percebida; perceber a influência de variáveis sociodemográficas na imprevisibilidade e suporte social percebidos; e comparar os dados de famílias em IP e famílias da comunidade.

## **Método**

### *Participantes e procedimentos*

Participaram deste estudo dois grupos de famílias com crianças entre os 2 e os 6 anos: famílias apoiadas pelos serviços de IP (N= 60) – tendo respondido 54 mães e 7 pais, e famílias da comunidade (N=100) – 77 mães e 23 pais. A maioria dos cuidadores das famílias em IP são casados ou vivem em união de facto (76.7%). Quanto à escolaridade, 20% tem nível de estudos superiores, 36.7% completou o ensino secundário, 38.3% o 2º ou 3º ciclo e 5% tem o 1º ciclo. A maioria destas famílias (90%) tem um ou dois filhos.

Nas famílias da comunidade, também a maioria (78%) estão casados ou vivem em união de facto; 33% tem formação superior, 37.3% tem o ensino secundário, 29% o 2º ou 3º ciclo e um dos participantes completou o 1º ciclo. A maioria (95%) tem um ou dois filhos.

As famílias com crianças apoiadas em IP foram contactadas através dos técnicos de uma associação que presta esse apoio; as famílias da comunidade foram contactadas através das creches e jardins-de-infância frequentados pelos filhos. Cada cuidador preencheu a FUS, a FSS e um pequeno questionário sociodemográfico, com ou sem ajuda do técnico, dependendo das dificuldades sentidas (Ross & Hill, 2000, referem o mínimo de formação correspondente ao 6º ano para o preenchimento adequado da FUS).

### *Instrumentos*

A *Escala de Imprevisibilidade Familiar* (FUS) (Ross & Hill, 2000), traduzida e adaptada para a população portuguesa Gaspar e Alarcão (2003), é um instrumento de auto-relato, dirigido aos cuidadores de crianças e jovens entre os 2 e os 18 anos. Constituída por 22 itens, avalia a imprevisibilidade percebida em quatro domínios da vida familiar: *disciplina* (imprevisibilidade em estabelecer/manter regras), *afeto* (inconsistência na responsividade às necessidades da criança), *refeições* (inconsistência no horário e pessoas que partilham as refeições), *finanças* (instabilidade financeira) (Alarcão & Gaspar, 2007). A cotação segue uma escala tipo Likert de 5 pontos, desde 1 ponto, correspondendo à resposta “de forma alguma”, a 5 pontos “totalmente”; existe ainda a opção de resposta “não se aplica” (não sendo cotada). Quanto maior a imprevisibilidade, maior a pontuação.

A *Escala de Avaliação do Apoio Social à Família* (FSS – versão portuguesa de Coutinho, 1999), avalia as dimensões *disponibilidade* e *utilidade percebida*, da rede social/ fontes de apoio do sujeito que responde ao questionário. Constituída por 19 itens, e um item adicional de resposta aberta, a versão portuguesa distribui-se em 8 subescalas: (a) *redes*

*informais familiares*, avalia a utilidade de diferentes membros da família (e.g., pais, filhos, conjugue e outros familiares); (b) *redes informais de amigos*, avalia a utilidade de diversos membros informais da rede de apoio da família (e.g., amigos, outros pais, colegas de trabalho, vizinhos); (c) *redes informais de grupos sociais*, onde se incluem grupos de pais, grupos sociais/clubes, ou membros da igreja. Relativamente às *redes de suporte formal*, é composta por duas subescalas: (d) *redes formais de profissionais* (profissionais que prestam apoio à família e criança, como assistentes sociais, professores, etc.), e (e) *redes formais de serviços* (e.g., IP, creche, serviços de saúde). As restantes subescalas permitem calcular a (f) *utilidade total das redes informais* (somatório de (a), (b) e (c)); (g) *utilidade total das redes formais* (somatório (d) e (e)); e (h) *utilidade total das redes sociais* (somatório de (f) e (g)) (Coutinho, 1999). Em termos globais, a FSS avalia a satisfação parental face ao suporte social percebido, relativamente à função de cuidar das crianças.

No presente estudo, a FSS apresentou importantes fragilidades, tendo-se obtido alfas de Cronbach de 0.481 na subescala “*redes informais familiares*”, de 0.482 nas “*redes formais de profissionais*” e de 0.471 nas “*redes formais de serviços*”, valores tidos como inaceitáveis por George e Mallery (2003). Optou-se então pela utilização apenas dos resultados da *escala total* (alpha de Cronbach obtido 0.71) e subescalas “*utilidade total das redes informais* (alpha de Cronbach 0.79) e “*utilidade total das redes formais*” (alpha de Cronbach 0.70), para avaliar a utilidade do suporte social percebido.

## **Resultados**

Nas famílias em IP, a área de funcionamento familiar que apresenta maior *imprevisibilidade* é a das *finanças* (M=2.2), seguindo-se a do *afecto* (M= 2.02). A área com menor *imprevisibilidade* familiar reportada é a das *refeições* (M= 1.81) (Tabela 1.). Os resultados do teste de Wilcoxon indicam diferenças estatisticamente significativas entre

*finanças e disciplina* ( $Z = -2.138$ ;  $p = 0.033$ ), *finanças e refeições* ( $Z = -2.873$ ;  $p = 0.004$ ), e *refeições e afecto* ( $Z = -2.707$ ;  $p = 0.007$ ).

**Tabela 1.** FUS: Mínimos, máximos, médias e desvios-padrão para o grupo de famílias em IP

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
FUS Total	60	22	73	43.73	13.329
Média Fus Disciplina	60	1.00	3.29	1.95	0.676
Média FUS Afecto	60	1.00	3.57	2.02	0.701
Média FUS Refeições	60	1.00	4.00	1.81	0.749
Média FUS Finanças	60	1.00	4.00	2.20	0.901

Na amostra da comunidade, a maior imprevisibilidade é reportada, igualmente, nas *finanças* ( $M = 1.99$ ), e menor imprevisibilidade familiar nas *refeições* ( $M = 1.66$ ). As médias apresentam diferenças significativas entre *finanças e disciplina* ( $Z = -2.587$ ;  $p = 0.010$ ), *finanças e afecto* ( $Z = -2.001$ ;  $p = 0.045$ ); *finanças e refeições* ( $Z = -3.407$ ;  $p = 0.001$ ), e *refeições e disciplina* ( $Z = -2.047$ ;  $p = 0.041$ ).

**Tabela 2.** FUS: Mínimos, máximos, médias e desvios-padrão para as famílias da comunidade

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
FUS Total	100	23	64	39.08	9.951
Média Fus Disciplina	100	1.00	3.85	1.76	0.583
Média FUS Afecto	100	1.00	4.00	1.77	0.639
Média FUS Refeições	100	1.00	3.40	1.66	0.536
Média FUS Finanças	100	1.00	4.00	1.99	0.842

A amostra de famílias da comunidade apresenta valores médios de imprevisibilidade familiar inferiores aos da amostra de famílias apoiadas em IP, para a escala total e subescalas; o recurso ao teste de Mann-Whitney revela que as diferenças apenas se apresentam estatisticamente significativas para o *afecto* ( $U = 2298$ ;  $W = 7348$ ;  $p = 0.013$ ), isto é, as famílias em IP são mais inconsistentes no *afecto* do que famílias da comunidade.

Procurou-se compreender se variáveis sócio-demográficas como o estado civil, nível de escolaridade e número de filhos se relacionam com a *imprevisibilidade familiar*. Considerando a totalidade de participantes no estudo (N=160), através do teste Kruskal-Wallis, verificou-se que existe um efeito significativo do nível de escolaridade sobre a imprevisibilidade familiar global ( $X^2_{kw}(3)=23.001$ ;  $p=0.000$ ), *disciplina* ( $X^2_{kw}(3)=8.328$ ;  $p=0.040$ ); *afecto* ( $X^2_{kw}(3)=12.663$ ;  $p=0.005$ ); *refeições* ( $X^2_{kw}(3)=9.574$ ;  $p=0.023$ ); e *finanças* ( $X^2_{kw}(3)=24.870$ ;  $p=0.000$ ).

Quanto à *utilidade do suporte social*, ambos os grupos de famílias percebem como mais útil o apoio recebido de *redes formais*, no que se refere à tarefa de cuidar das crianças. As médias apresentam diferenças estatisticamente significativas: ambos os grupos percebem o apoio recebido das *redes de suporte formal* como mais úteis, sendo as famílias em IP que atribuem maior utilidade a este tipo de apoio ( $M=3.75$ ), diferenciando-se os valores médios dos reportados pelas famílias de comunidade ( $M=2.48$ ) ( $U=1094.5$ ;  $W=6144.5$ ;  $p=0.000$ ). Nas famílias em IP, os valores médios relativos à utilidade atribuída às fontes de apoio formais ( $M=2.11$ ) é significativamente superior à utilidade atribuída às fontes de apoio informais ( $M=2.11$ ) ( $Z=-6.673$ ;  $P=0.000$ ).

Considerando a amostra total (N=160), não se verificam diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas (estado civil, nível de escolaridade e número de filhos) e a utilidade atribuída às fontes de suporte social.

Relativamente às relações entre utilidade das fontes de apoio social e imprevisibilidade familiar, considerando a amostra total, obtém-se correlações estatisticamente significativas entre o grau atribuído às *redes informais de apoio* e a *imprevisibilidade familiar total* ( $\rho=-0.238$ ), *afecto* ( $\rho=-0.172$ ) e *refeições* ( $\rho=-0.246$ ) (Tabela 3.). Os coeficientes de correlação apresentam-se negativos, revelando o sentido da relação. Embora com significância

estatística, os valores do coeficiente de Spearman traduzem correlações baixas (valores entre 0.20 e 0.40), ou insignificantes (valores inferiores a 0.20) (Guilford, 1956).

**Tabela 3.** Coeficiente de Spearman para as relações entre utilidade do suporte social e imprevisibilidade familiar (n=160)

	FUS Total	Média FUS Disciplina	Média FUS Afecto	Média FUS Refeições	Média FUS Finanças
FSS Total	- 0.090	- 0.085	0.026	-0.097	0.045
Média FSS Informais	- 0.246**	- 0.238**	- 0.172*	- 0.192*	- 0.061
Média FSS Formais	- 0.114	-0.103	- 0.069	- 0.128	0.034

\*\*Correlação significativa a 0.01

\*Correlação significativa a 0.05

Atendendo às relações entre percepção da utilidade do suporte social e imprevisibilidade familiar, considerando os grupos separadamente, observam-se correlações estatisticamente significativas, e negativas, entre a utilidade do *apoio social de fontes informais* percebido por famílias em IP e a imprevisibilidade familiar percebida nas dimensões *afecto* ( $\rho = - 0.258$ ), *refeições* ( $\rho = - 0.288$ ) e *escala total* ( $\rho = -0.292$ ). Nas famílias da comunidade, observam-se associações negativas entre a utilidade atribuída ao *apoio de fontes informais* e a imprevisibilidade familiar na *disciplina* ( $\rho = -0.266$ ); entre a utilidade das *fontes formais* e imprevisibilidade familiar na *disciplina* ( $\rho = -0.310$ ), *afecto* ( $\rho = -0.281$ ), *refeições* ( $\rho = -0.234$ ) e FUS total ( $\rho = -0.213$ ). Nestas famílias da comunidade, verificaram-se ainda associações significativas entre a utilidade *total das fontes de apoio social* e a imprevisibilidade na *disciplina* ( $\rho = - 0.197$ ) e FUS total ( $\rho = -0.213$ ).

### Conclusões

No que se refere à imprevisibilidade familiar, quer as famílias em IP como as famílias da comunidade, referem a *instabilidade financeira* como a principal fonte de *inconsistência familiar*, o que se pode compreender face à situação económica-social que se vive em

Portugal. Ambas as famílias referem a dimensão *refeições* como a que envolve menor imprevisibilidade familiar, o que se pode dever à faixa etária das crianças (sendo ainda bastante dependentes dos cuidadores); resultados que vão ao encontro dos reportados por Alarcão e Gaspar (2007), e na explicitação de Ross e Hill (2000), ao referirem a associação positiva entre idade da criança e inconsistência nas rotinas das refeições.

As famílias em IP distinguem-se das famílias da comunidade unicamente na percepção de imprevisibilidade na dimensão *afecto*, reportando maior inconsistência. A constelação de factores de risco associadas à sua dinâmica familiar – que motiva a sinalização para IP – pode justificar as dificuldades reportadas na capacidade para estabelecerem relações pautadas pela consistência e previsibilidade. Por outro lado, nos casos em que a criança apresenta algum tipo de deficiência, as suas características particulares podem consistir desafios acrescidos para os cuidadores (distorcendo ou perturbando as pistas emocionais e comunicativas da criança); também Ross e Hill (2000) encontraram maior imprevisibilidade no afecto em famílias em contextos clínicos.

O facto das famílias em IP não se diferenciarem das famílias da comunidade nos outros domínios poderá refletir um efeito do próprio programa de intervenção precoce (o que no presente estudo não pode ser aferido, mas seria interessante em estudos direccionados para avaliar a eficácia de programas de IP).

Destaca-se o efeito da escolaridade dos pais na imprevisibilidade familiar reportada; sendo que cuidadores com formação superior ou de nível secundário reportam menos imprevisibilidade familiar global, e nas dimensões *afecto*, *disciplina*, *refeições* e *finanças*. No que se refere ao suporte social, seja ele prestado por fontes de apoio formais ou informais, surge identificado como muito importante, particularmente para famílias com crianças em situação de risco ou algum tipo de deficiência. Destaque-se que ambos os grupos de família atribuem maior importância às fontes de *apoio formais*, quando se trata de ajudá-las com as

crianças (sendo esse apoio valorizado em diferentes dimensões da dinâmica familiar consoante se trate de famílias em IP e famílias da comunidade). O presente estudo foi desenvolvido com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão das relações entre suporte social e imprevisibilidade familiar em famílias sinalizadas para a Intervenção Precoce; porém, a FSS revelou fragilidades psicométricas que sugerem a necessidade de prolongar os estudos sobre a sua validade e fidelidade. Por outro lado, seria vantajoso poder distinguir, dentro das famílias em IP, as que se encontram em risco ambiental das que conjugam risco ambiental com risco biológico da criança. Pensamos que a aplicação da FUS no momento da sinalização das famílias para IP e após um período de tempo significativo da intervenção em curso poderia fornecer dados interessantes para aferir eventuais efeitos do programa, e/ou necessidades das famílias. A discussão das respostas à FUS com os cuidadores poderia servir para, conjuntamente, técnicos e famílias desenharem soluções de mudança.

### Referências

- Abrams, L., & Portwood, S. G. (2010). Protecting children in their homes. Effective prevention programs and policies. In J. M. Lampinen & K. Sexton-Radek (Eds.), *Protecting children from violence. Evidence-based interventions* (35-56). New York: Psychology Press.
- Abramson, L. Y., Seligman, M. E. P., & Teasdale, J. D. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology*, 87 (1), 49-74.
- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A. T., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M. F., & Ribeiro dos Santos, M. (2010). *Avaliação de Intervenções de Educação Parental. Relatório 2007-2010*. Consultado em [http://www.cnpqjr.pt/preview\\_documentos.asp?r=3496&m=PDF](http://www.cnpqjr.pt/preview_documentos.asp?r=3496&m=PDF)
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss – vol.1 Attachment*, 2ed. London: The Hogarth Press.
- Burnett, G., Jones, R., Bliwise, N. & Ross, L. (2006). Family unpredictability, parental alcoholism, and the development of parentification. *The American Journal of Family Therapy*, 34, 181-189.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38 (3), 300-314.
- Coutinho, M. T. (1999). *Intervenção Precoce: Estudo dos efeitos de um programa de formação parental destinado a pais de crianças com Síndrome de Down*. Tese de Doutoramento. Lisboa, FMH.
- Coutinho, M.T. (2004). Apoio à família e formação parental. *Análise Psicológica*, 1 (XXII), 55-64.

- Dekovic, M., Janssens, J. & Van As, N. (2003). Family predictors of antisocial behavior in adolescence. *Family Process*, 42 (4), 223-235.
- Dunst, C., Trivette, C., & Deal, A. (1988). *Enabling and empowering families. Principles and guidelines for practice*. Cambridge: Brookline Books.
- Drummond, J. (2005). Parent support programs and early childhood development: Comments on Goodson, and Trivette and Dunst. In R. E. Tremblay, RG Barr, & R DeV. Peters (Eds.), *Encyclopedia on Early Childhood Development* (1-5) [online]. Disponível em <http://www.child-encyclopedia.com/documents/DrummondANGxp.pdf>.
- Fontaine, A. M., & Faria, L. (1989). Teorias pessoais do sucesso. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 5-18.
- Gaspar, M. F. & Alarcão, M. (2003). *Versão portuguesa da Family Unpredictability Scale (FUS)*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra. Documento não publicado.
- Green, J., & Goldwyn, R. (2002). New findings in attachment research and their potential implications for developmental psychopathology in childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 835-846.
- Hill, E., Jenkins, J. & Farmer, L. (2008). Family unpredictability, future discounting, and risk taking. *The Journal of Socio-Economics*, 37, 1381-1396.
- Hunziker, M. H. L. (2005). O desamparo aprendido revisitado: estudos com animais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 131-139.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII (1), 139-156.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: será significativa a relação com os pais? *INFAD International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 461-468.
- Overmier, J. B. (2002). On learned helplessness. *Integrative Psysiological & Behavioral Science*, 37 (1), 4-8.
- Pais Ribeiro, J. L. (2011). *Escala de satisfação com o suporte social*. Lisboa: Placebo.
- Peterson, C. (2009). Positive Psychology. *Reclaiming Children and Youth*, 18 (2), 3-7.
- Ribeiro, M. J. S. (2003). *Ser família. Construção, implementação e avaliação de um programa de Educação Parental*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Ross, L., & Hill, E. (2000). The family unpredictability scale: Reliability and validity. *Journal of Marriage and Family*, 62 (2), 549-562.
- Ross, L., & Hill, E. (2001). Drinking and parental unpredictability among adult children of alcoholics: A pilot study. *Substance Use and Misuse*, 36, 609-638.
- Ross, L. & Hill, E. (2002). Childhood unpredictability, schemas for unpredictability, and risk taking. *Social Behavior and Personality*, 30 (5), 453-474.
- Ross, L., & McDuff, J. (2008). The Retrospective Unpredictability Scale: Reliability and validity. *Journal of Child and Family Studies*, 17, 13-27.
- Ross, L. & Wynne, S. (2010). Parental depression and divorce and adult children's well-being: the role of family unpredictability. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 757-751.
- Trivette, C. M., Dunst, C. J., & Hamby, D. (1996). Social support and coping in families of children at risk for developmental disabilities. In M. Brambring, H. Rauh, & A. Beelmann (Eds.), *Early childhood intervention: Theory, evaluation, and practice* (pp. 234-269). Berlim, New York: de Gruyter.